



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO – PSICOLOGIA

A compreensão do sonho no processo terapêutico

Henrique Dantas de Santana

Brasília
Novembro, 2005

Henrique Dantas de Santana

A compreensão do sonho no processo terapêutico

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de Psicologia
do UniCEUB – Centro Universitário de
Brasília sob a orientação do Professor
Dr. Fernando Luis González Rey

Brasília
Novembro, 2005

SUMÁRIO

Resumo.....	04
Fundamentação Teórica.....	05
Os sonhos na Antiguidade.....	05
Os sonhos e a Psicanálise.....	06
Os sonhos e a Análise Junguiana.....	09
A Subjetividade e os sonhos.....	13
Posicionamento do Autor.....	14
Problematização.....	16
Capítulo Metodológico.....	17
Apresentação do Caso.....	24
Sonhos.....	27
Análise dos Resultados.....	32
Conclusão.....	35
Referência Bibliográfica.....	36

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da compreensão do sonho no processo terapêutico através de um estudo de caso. Os sonhos são utilizados desde da antiguidade, por gregos e egípcios, e possuíam um caráter divino, já que transmitiam mensagens de Deus e previsões sobre o futuro. Na psicologia, demonstro a importância da compreensão do sonho em três teorias, ao colocar a visão de cada linha, assim como a evolução e a forma de se trabalhar com os sonhos: a) A psicanálise nos coloca, uma visão, sobre a significação das origens dos sonhos e seus mecanismos psicológicos, b) A análise junguiana nos conta a importância do sonhador no processo da compreensão e a importância de ver o sonho em um contexto e em seqüência com outros sonhos e c) A teoria da subjetividade nos coloca que cada sonho tem o seu sentido e significado individual e este significado está de acordo com a fase de vida do sonhador. Em seguida, apresento o estudo de caso utilizado nesse estudo: José, um jovem de 21 anos, que acabará de perder o pai e está viciado em drogas e bebidas. José procura o processo terapêutico com o intuito de sair do vício e apresenta uma série de sonhos que demonstra o seu desenvolvimento durante o processo, as questões atuais da sua psique e suas formas de se relacionar com o mundo. O sonho é uma produção do sujeito e traz elementos preciosos que nos relatam sobre a história do sonhador, sua beleza, tristezas, sofrimentos e riquezas. Através desse estudo de caso, demonstro como foi feita a compreensão de três sonhos e a sua importância para o processo terapêutico de José. O método empregado foi à pesquisa clínica qualitativa onde a anamnese e as conversações foram os principais instrumentos utilizados. Ao compreendermos (terapeuta em conjunto com o sonhador) os sonhos de José, percebo como sua relação com o pai exerceu um fator importante em sua vida e que esta relação deve ser o foco do nosso trabalho. Ao finalizar esse estudo, concluo que o sonho nos dá diretrizes para traçarmos o processo terapêutico e, principalmente, que é uma importante ferramenta para se conhecer melhor o universo de sentidos e inconscientes do sonhador, logo deve ser respeitado e fonte de pesquisa e estudos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os sonhos na Antiguidade

Diversos povos da Antiguidade acreditavam que os sonhos eram fontes de mensagens divinas ou sobrenaturais enviados pelos Deuses e sendo assim podiam prever o futuro e indicar cura para as doenças.

Na Grécia Antiga, os filósofos Heráclitos (c.544-483 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) desenvolveram a idéia de que os sonhos estão ligados ao aspecto interior do indivíduo, sendo representações (metáforas), fragmentos de lembranças do dia e/ou revelavam o estado mórbido do corpo. Já Hipócrates (c.460 - 357 a.C.), escreveu um tratado sobre o diagnóstico através da atividade onírica. Este tratado era praticado nos templos de Asclépios onde a pessoa enferma era colocada para dormir e lá ficava até o momento em que um sonho revelasse a origem da doença e um tratamento adequado para a cura.

No antigo Egito (1991-1786 a.C.) foi escrito o chamado "papiro de Chester Beatty", com suas conclusões sobre os significados dos símbolos oníricos. Os sonhos eram interpretados somente por sacerdotes e eram consideradas mensagens da deusa Ísis.

Em seguida, observam-se inúmeras citações sobre sonhos na Bíblia. Suas aparições são como eventos sobrenaturais, proféticos, ou seja, como a principal forma de comunicação de Deus com os profetas. Observar-se as presenças do sonho desde do Antigo Testamento, em Gênesis, capítulo 20, versículo três, onde temos: “Deus, porém, veio a Abimeleque, em sonhos, de noite, e disse-lhe: - Vai ser punido de morte por causa da mulher que tomaste; porque ela tem marido”. Nesse trecho o sonho é citado como o meio de comunicação entre Deus e Abimeleque.

Ainda em Gênesis, capítulo 28, versículo 12, temos o famoso sonho de Jacó: “E sonhou: eis posta na terra uma escada, cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela.” É através desse sonho, de caráter premonitório, que Jacó recebe instruções sobre sua proteção divina.

Ainda em Gênesis, do capítulo 37 ao 50, os sonhos têm uma importância decisiva na história de todo um povo. José, filho de Jacó, através das interpretações de sonhos percebe um período de sete anos onde faltará alimento e assim José guarda alimentos suficientes para alimentar todo o seu povo e arredores.

No Novo Testamento, os sonhos também tinham o papel de receber comunicados divinos, informações e advertências quanto ao futuro. São José recebeu inúmeras instruções de Deus através dos sonhos, dentre eles, o para se casar e aceitar a gravidez da Maria. Além disso, toda a trajetória de Jesus é toda permeada por sonhos confirmatórios, proféticos e de avisos.

Os sonhos e a Psicanálise

A partir do século XIX e início do XX, com a publicação da "Interpretação dos Sonhos" (1900), do neurologista austríaco Sigmund Freud (1856 - 1939), iniciou-se o moderno pensamento sobre sonhos e sua natureza.

Para Freud (1900 pág 11): "A interpretação dos sonhos é a via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente". Já, em 1932, o próprio Freud complementa no prefácio do seu livro: "um sonho é a realização (disfarçada) de um desejo reprimido".

De acordo com o Brenner (1973), seguidor dos ensinamentos de Freud, os sonhos trazem conteúdos/desejos que foram reprimidos ou excluídos da consciência pelas atividades defensivas do ego.

Freud chamava esse desejo proveniente do inconsciente de "desejo onírico" e este tem quatro origens possíveis: a) desejos do próprio inconsciente, que não alcançam o consciente, b) desejos não satisfeitos, gerados durante o dia, que ficaram por satisfazer, c) desejos não satisfeitos, gerados durante o dia, mas reprimidos ao inconsciente; d) desejos que surgem durante a noite, provenientes de necessidades corporais.

De acordo com Brenner (1973 pág 162): "O sonho é apenas o resultado final de uma atividade mental inconsciente durante esse processo fisiológico que, por sua natureza ou intensidade, ameaça interferir com o próprio sono".

Nessa visão, para compreendermos o sonho, devemos levar em consideração três partes componentes do sonho: a) os conteúdos manifestos: são os elementos do sonho que a pessoa recorda ao acordar; b) os conteúdos latentes: são as imagens, desejos e pensamentos inconscientes que constituem os seus motivos verdadeiros e ameaçam interferir no sonho; c) e a elaboração do sonho: que é a denominação dada à elaboração psíquica inconsciente que sofre o conteúdo latente ao se transformar em conteúdo manifesto.

O desejo onírico na elaboração do sonho sofre uma censura. De acordo com Tallafarro (1996) a censura é uma expressão repressora do ego a serviço do superego.

Freud (1900, pág 63), nos coloca sobre a natureza da censura: “os propósitos que exercem a censura são aqueles reconhecidos pelo julgamento vígil da pessoa que sonhou, aqueles com os quais ela está de acordo”.

Os conteúdos latentes são provenientes de três fontes principais: a) as impressões sensoriais noturnas como excitações, sede; b) resíduos do dia relacionados às atividades e preocupações da vida normal e que permanecem ativos em sua mente, c) desejos dinamicamente impedidos, ao menos em sua forma original, pela censura de atingirem a consciência.

Para estes conteúdos latentes atravessarem a censura e se expressarem como conteúdo manifesto sem provocar angústia, o conteúdo latente precisa sofrer uma deformação. Para Freud (1900), essa deformação é a primeira consequência da censura e envolve diversos mecanismos: a) dramatização; b) condensação; c) desdobramento; d) deslocamento; e) inversão da cronologia; f) simbolismo; g) representação pelo oposto; h) representação pelo nímio; i) elaboração secundária.

A dramatização consiste em manifestar um pensamento abstrato em imagens concretas sem se preocupar com uma lógica racional. Tallafarro (2001) nos coloca o seguinte exemplo: uma senhora que não quer abandonar a casa sonha que está plantando que rapidamente se transforma em raízes e em seguida em fortes árvores.

Freud (1900) nos diz que em grande parte dos sonhos ocorre o processo de condensação que consiste na união de vários pensamentos, sensações, desejos e/ou características em um único elemento do sonho, mas com todas essas características

condensadas. Podemos observar a condensação no nosso sonho quando uma única pessoa apresenta características de diversos familiares.

Já o desdobramento é o oposto da condensação, pois através desse mecanismo uma pessoa ou objeto do conteúdo latente se manifesta como duas ou três pessoas do conteúdo manifesto.

De acordo com Tallaferro (1996) o deslocamento é o processo mais importante na deformação do sonho. Este mecanismo tem como princípio a substituição de uma imagem por outra. Freud (1990, pág 303) nos relata:

Via-se que os elementos que se destacam como os principais componentes do conteúdo manifesto do sonho estão longe de desempenhar o mesmo papel nos pensamentos oníricos. E, como corolário, pode-se afirmar o inverso também dessa asserção: o que é claramente a essência dos pensamentos oníricos, não precisa, de modo algum, ser representado no sonho. O sonho tem, por assim dizer, um foco diferente daquele dos pensamentos oníricos – seu conteúdos tem elementos diferentes como ponto central... Tais sonhos dão uma impressão justificável de deslocamento

Dentro desse mecanismo pode ocorrer a projeção. Na projeção a idéia do conteúdo latente não muda de forma e sim passa de uma pessoa para outra, ao contrário, do deslocamento onde há uma modificação da idéia expressada.

Muitos autores consideram a simbolização como uma forma especial de deslocamento. A idéia é que uma imagem com alta carga afetiva do conteúdo latente devem ser substituídas por imagens universais, tal como bandeiras e cálice, para passar pela censura. Para Freud (1900) os símbolos são os elementos mudos dos sonhos, já que os pacientes não conseguem fazer associações sobre os símbolos.

A inversão da cronologia, como diz o próprio nome, ocorre quando o conteúdo latente se expressa na ordem anterior ao que forma o conteúdo manifesto. Tallaferro (1996, pág 112) nos relata o seguinte exemplo: “Alguém sonha que está sentado com a noiva e de repente se levanta e começa a caminhar com ela. O conteúdo latente desse

sonho seria: ir caminhando por um parque até encontrar um banco onde ambos se sentem para se beijar”.

Outros exemplos são quando, em um sonho, um personagem aparece com uma característica totalmente contrária ao que ele representa para o sujeito ou quando o indivíduo, no conteúdo manifesto, está descendo quando, na realidade, o que ele quer é subir damos o nome de representação pelo oposto.

A representação pelo nímio se dá quando ocorre uma representação do nosso real desejo em uma representação insignificante ou que no conteúdo manifesto toma uma posição secundária.

Brenner (1973, pág 169) chama de elaboração secundária “as tentativas do ego de moldar o conteúdo manifesto do sonho em uma forma lógica e secundária”. Isso quer dizer, é o processo no qual introduz-se nas produções oníricas uma lógica artificial com o objetivo de adequá-lo a realidade.

Os sonhos e a Análise Junguiana

Os sonhos são um dos temas mais recorrentes na teoria Junguiana. Para Jung (1971) o sonho é a expressão direta do inconsciente e sendo assim possui um significado prático fundamental para a psicoterapia.

Jung (1971, pág 12) nos coloca:

(...) os sonhos são expressão direta da atividade psíquica do inconsciente, a tentativa de analisar e interpretar os sonhos é, para começar, um empreendimento, teoricamente justificável do ponto de vista científico. Na medida em que é bem sucedida, esta tentativa pode oferecer-nos, de início, uma compreensão científica da estrutura da etiologia psíquica, independentemente de uma eventual ação terapêutica.

O sonho, de acordo com essa visão, retrata o aspecto interno do sonhador no qual o consciente não aceita parcialmente ou como um todo. Sendo assim, o sonho

poderá nos oferecer a etiologia psíquica, o prognóstico e por onde podemos iniciar o tratamento terapêutico.

Jung (1971, pág 19), discorda de Freud, ao afirmar que “O ponto de vista que os sonhos são mera satisfação de desejos reprimidos já está superado faz tempo”. Acredita-se que os sonhos possuem um significado, mas que estes apontem para o complexo reprimido. Complexo, na visão junguiana, é um grupo de significados e imagens inconscientes relacionados entre si, através de associações de idéias, e de uma grande quantidade de energia psíquica, em torno de um núcleo central constituído por um arquétipo.

Arquétipos são estruturas virtuais responsáveis por tendências do comportamento. Em 1916, Jung, coloca os arquétipos como estrutura que se manifestam de forma decorrente nos sonhos.

Na visão Junguiana, os elementos, pessoas e situações que aparecem no sonho são de grandeza subjetiva do sujeito e quase sempre dizem respeito ao próprio sujeito, sendo assim não representam pessoas ou situações reais como nos diz Freud.

Além disso, de acordo com Hall (1983), o sonho, para Jung, tem a função compensatória. Do latim *compensare*, compensatório significa igualar, comparar diferentes pontos de vista para produzir um ajuste.

Sendo assim o sonho compensa a unilinearidade, visão limitada e desvios do ego ao registrar e aflorar o que não foi registrado. A forma compensatória dos sonhos é individual e se manifesta de acordo o caráter de cada um.

Existem duas maneiras de se ver o sonho como atividade compensatória. O sonho compensatório, em primeiro lugar, pode compensar distorções temporárias na estrutura do ego e assim dirigir o sujeito a um amplo entendimento das suas atitudes e ações. Hall (1983, pág 31) nos conta a respeito:

Por exemplo, alguém que está furioso com um amigo, mas descobre que a fúria se dissipa com rapidez, poderá sonhar que investe furiosamente contra o amigo. O sonho recordado devolve para nova atenção uma quantidade de fúria que havia sido reprimida...pode ser importante para o indivíduo que sonha perceber que o complexo foi constelado.

A segunda e mais profunda maneira é aquela que coloca o ego de frente com uma necessidade de uma adaptação mais rigorosa ao processo de crescimento e amadurecimento psíquico, a individuação.

Em 1921, Jung coloca que os sonhos têm a facilidade de fazer reaparecer a realidade primitiva da imagem psíquica, além da faculdade de antecipar o futuro de forma construtiva visando o desenvolvimento psíquico.

Jung (1984) distingue dois tipos de sonhos: os grandes sonhos e os pequenos sonhos. Os chamados grandes sonhos vêm das camadas mais profundas do inconsciente e geralmente contém imagens mitológicas e arquetípicas. Já os pequenos sonhos provêm da experiência pessoal ou subjetiva, ou seja, de uma camada mais rasa do inconsciente onde ocorre às flutuações do balanço psíquico.

Há também os sonhos reativos que derivam de situações traumáticas graves e reproduzem uma situação traumática vivenciada até que seu conteúdo seja destituído da intensa carga afetiva associada ao trauma e possa ser reintegrado ao psiquismo.

Marie-Louise Von Franz (1993), coloca que nos sonhos, enquanto à forma, se percebe uma estrutura composta por quatro partes: a) a primeira onde se apresenta o local, os personagens e, quase sempre, a situação inicial do sonhador; b) o enredo e a trama são apresentados na segunda parte; c) na terceira fase é onde ocorre um acontecimento importante ou o clímax e d) caso exista, traz uma solução ou nos mostra a situação final.

Jung (1921, pág 55) nos coloca sobre a sua forma de interpretar os sonhos no plano do sujeito:

Quando falo de interpretar um sonho ou fantasia no plano do objeto, quero dizer as pessoas ou situações que neles aparecem são objetivamente reais, em oposição ao plano do sujeito em que as pessoas ou situações nos sonhos se referem exclusivamente as grandezas subjetivas. A concepção freudiana dos sonhos está exclusivamente no plano do objeto, uma vez que os desejos nos sonhos se referem a objetos reais ou a processos sexuais que incidem na esfera fisiológica, portanto extrapsicológica.

A interpretação ao nível do sujeito traz uma ajuda a fim de que o sonhador corrija suas atitudes inadequadas.

Em “Aspectos Gerais da Psicologia dos Sonhos”, 1928, Jung acrescenta que para se entender o sentido de um sonho deve-se perguntar aos pacientes quais elementos estão associados à imagem onírica. Em seguida, deve-se questionar o porquê dessas associações e não outras, considerando que sempre existe mais de uma causa. Jung (1928, pág 28) nos afirma: “Só a influência de várias causas é capaz de dar uma determinação verossímil das imagens do sonho”.

No livro “Análise dos Sonhos”, Jung (1971, pág 21) completa:

Toda interpretação é uma mera hipótese, apenas uma tentativa de ler um texto desconhecido. É extremamente raro que um sonho isolado e obscuro possa ser interpretado com razoável segurança. Por este motivo, dou pouca importância à interpretação de um sonho isolado. A interpretação só adquire uma relativa segurança numa série de sonhos em que os sonhos posteriores vão corrigindo as incorreções cometidas nas interpretações anteriores.

Na visão junguiana os sonhos não devem ser interpretados de maneira concreta. As imagens oníricas expressam a subjetividade, são partes constitutivas da nossa mente e são fatores subjetivos que se agrupam numa imagem por motivos internos desconhecidos.

O analista, na compreensão do sonho, não deve restringir o sentido do sonho a uma doutrina e deve sempre buscar evitar a visão unilateral onde só o analista sabe do significado do sonho. O paciente não deve ser instruído acerca de uma verdade, mas evoluir até ela.

O primeiro passo para a compreensão do sonho é entender o contexto do sonho, compor o cenário, o elo associativo entre os sonhos e o momento de vida do sonhador.

De acordo com Jung (1971 pág 26) “na assimilação dos conteúdos oníricos, é de extrema importância não ferir e muito menos destruir os valores verdadeiros da personalidade consciente, pois, de outra forma, não haveria quem pudesse assimilar”.

Ainda em 1945, Jung, nos coloca no livro “Da essência dos sonhos” que o analista deve tomar cuidado com interpretações agressivas e sempre ter uma postura de ignorância diante o significado de um sonho e novamente realça a importância das associações para se alcançar o sentido do sonho.

Para realizar associações é necessário, dentre outros fatores, que haja empatia psicológica, penetração intuitiva e capacidade de fazer combinações.

Hall (1983, pág 33) nos coloca sobre a importância da compreensão do sonho ao afirmar:

Um benefício adicional decorrente da interpretação dos sonhos é o fato de o ego reter na memória consciente um resíduo do sonho que permite à pessoa identificar motivos semelhantes na vida cotidiana e assumir uma atitude ou ação apropriadas(...).

A Subjetividade e os sonhos

A teoria da subjetividade não nos fala diretamente dos sonhos, mas podemos inferir alguns apontamentos que nos colaboram a ter uma visão importante e complementar das teorias citadas sobre os sonhos e seus significados.

Podemos inferir que os sonhos, nessa visão, são entendidos como uma forma de expressão da emoção, já que este último é definido, por *Gonzalez (2003, pág 243)* como “uma forma de expressão humana ante situações de natureza cultural que surgem em sistemas de relações práticas sociais...”.

Ainda de acordo com *González (2003, pág 259)*: “... a personalidade representa um sistema diferenciado de produção de sentidos de uma pessoa dentro de suas diferentes formas de vida social”.

Logo, podemos inferir, que os sonhos são produzidos a partir da produção de sentidos representados pela nossa personalidade. Sendo assim, os sonhos terão

somente sentido de acordo com as suas diferentes formas de vida social, e assim, o mesmo sonho e símbolo terão um sentido diferente para cada ser humano.

O significado do sonho deverá estar de acordo com o sentido subjetivo – sua relação entre o simbólico e emocional - que esse sonho tem para o sonhador. Logo, a única pessoa capaz de interpretar o seu próprio sonho é o sonhador.

Outra característica da personalidade, nessa teoria, é que ela não seria um sistema fechado, mas dinâmico, em permanente construção e mudança de acordo com suas relações com os contextos sociais e culturais.

Sendo assim, as interpretações dos sonhos estariam em seguidas transformações e construções, nunca tendo uma compreensão final e que abarque todo o seu significado. E ainda assim, cada compreensão teria aquele sentido e aquele significado para o sonhador naquele momento e naquela configuração de sentido e cultural.

Por fim, podemos concluir cinco apontamentos importantes da teoria da subjetividade em relação aos sonhos: a) o sonho é uma expressão da emoção, b) os sonhos são produzidos a partir dos nossos sentidos, c) a única pessoa capaz de perceber e que pode significar os elementos, e o significado ao sonho é o próprio sonhador; d) o mesmo sonho e o mesmo símbolo sempre terão, em pessoas diferentes, sentidos e significados diferentes; e) as interpretações dos sonhos estão sempre em seguidas transformações e construções, nunca tendo uma compreensão definitiva; e f) cada compreensão do sonho só terá aquele significado para o sonhador naquele momento e configuração de sentido e cultural.

Posicionamento do autor

Para o autor desse trabalho, os sonhos têm uma grande importância no processo terapêutico e fornece tanto para o sonhador quanto para o analista pistas e dicas do processo inconsciente do paciente.

Sendo assim, a compreensão do sonho exerce uma grande influência no processo terapêutico.

Há concordância com determinados aspectos das teorias apresentadas e que, na opinião do autor, são visões complementares.

O sonho muitas vezes sofre disfarces com o objetivo de não demonstrar claramente as nossas compensações ou desejos e a psicanálise apresenta de forma clara, objetiva, e coerente, os mecanismos de disfarces que o sonho pode utilizar.

Já a teoria junguiana nos apresenta a questão fundamental dos conteúdos presentes nos sonhos – complexos e arquétipos – e uma maneira de compreensão onde o consenso é um objetivo e nunca se deve apegar a uma doutrina e teoria e encaixar o significado do sonho.

Por fim, a subjetividade traz apontamentos importantes como o fato do próprio sonhador ser o sujeito capaz de dar sentido ao seu simbolismo e, principalmente, que o sonho deve, sempre ser, observado e compreendido de acordo com o sentido, a subjetividade do sonhador. Deve-se lembrar da relação estreita entre o sentido/a subjetividade e o meio /cultura.

PROBLEMATIZAÇÃO

PROBLEMA

Verificar a influência da compreensão do sonho no processo terapêutico em um estudo de caso.

OBJETIVOS

- Estudar o sonho como fonte de pesquisa
- Inferir algumas relações entre a compreensão dos sonhos e a subjetivação
- Verificar qual foi a influência da compreensão dos sonhos no processo terapêutico de um paciente clínico através de um estudo de caso.

CAPITULO METODOLOGICO

Não se encontram muitos estudos em psicologia que utilizam os sonhos como fonte de pesquisa. Os sonhos são apenas utilizados como uma possibilidade de intervir na terapia clínica, mas nunca houve uma preocupação em perceber sua importância e, principalmente, relatar sua compreensão a partir de uma visão qualitativa onde quem compreende, internaliza o sentido e o significado do sonho é o próprio sonhador.

De acordo com essa realidade, citada acima, sobre os estudos com sonhos, deparei-me com o questionamento sobre qual seria a melhor forma de se estudar o sonho. Poderia estudar de forma objetiva onde quem compreende o sonho é o terapeuta, o dono de saber, ou ainda poderia aceitar que todo sonho tem seu caráter sexual, como nos diz Freud, e assim todo símbolo possui um mesmo valor para qualquer pessoa, independente de sua cultura e contexto.

Porém, essa forma, apesar de menos trabalhosa - na minha opinião - não está de acordo com os meus princípios, e principalmente, a forma de enxergar o mundo, o ser humano e suas relações. O sonho, para mim, é uma produção individual onde a compreensão, como nos diz Jung, deve se dar através da comunicação e diálogo entre o terapeuta e o sonhador. Ao pesquisar uma forma de construir o estudo de forma coerente com o que acredito, deparei-me com a epistemologia qualitativa.

A epistemologia qualitativa é uma forma de se ver, compreender e fazer pesquisa onde a comunicação e o diálogo é colocada em primeiro plano. De acordo com González (2005 pág 13):

(...) é precisamente o ato de compreender a pesquisa, nas ciências antropológicas, como um processo de comunicação, um processo dialógico, característica essa particular das ciências antropológicas, já que o homem, permanentemente, se comunica nos diversos espaços sociais que vive.

O presente estudo tem como objetivo privilegiar a construção coletiva e esta construção somente é possível através do diálogo. Estes motivos que levaram o autor a utilizar à pesquisa qualitativa.

Denzin e Lincon (1994) nos colocam que a história da pesquisa qualitativa pode ser compreendida através de cinco períodos essenciais: a) Período Tradicional: momento onde o positivismo era a grande influência e assim a busca era pelo resultado objetivo, confiável e que pudesse ser validado; b) Período Modernista: atualmente ainda exerce uma influência e tem como objetivo a tentativa de formalização da pesquisa qualitativa; c) Período da Indiferenciação dos Gêneros: a busca por complementação de estratégias e métodos de se fazer pesquisa é enorme; d) Período de crise de representações: nesse período a antropologia era a ciência social tida como foco e foi através dela que se discutiram formas de coletar dados, objetividade, validade, etc. Aqui as teorias interpretativas ganharam destaque e a pesquisa passa a ser uma história contada pelo pesquisador; e) Período de Dupla Crise: esse período ocorre em decorrência do período anterior e nesse momento é colocado em questão à forma de se construir o conhecimento onde o discurso e o diálogo são valorizados em detrimento do conhecimento e da interpretação. Podemos afirmar que este é o momento atual, porém novas maneiras de pesquisa, com base nesses princípios, estão sendo construídos.

A metodologia qualitativa teve sua primeira citação em um texto de psicologia em um artigo escrito por T. Dembo com o seguinte título: *Pensamientos sobre los determinantes cualitativos en psicología. Um estudio metodológico.* . Atualmente a metodologia qualitativa em psicologia passa por uma revisão dos princípios metodológicos onde se pretende sair do positivismo e da objetividade para onde a subjetividade do pesquisador e do participante é reconhecida e sua influência na pesquisa é considerada. Nesse sentido, o sujeito participante da pesquisa tem sua história como algo único e promotor de conhecimentos; o sujeito deixa de ser determinado pelo contexto e estabelece uma relação com este, onde é influenciável e influencia. E. Morin (1998. pág30-31) coloca:

Ao considerar até que ponto o conhecimento é produzido por uma cultura, dependente de uma cultura, integrado a uma cultura, pode-se ter a impressão de que nada seria capaz de libertá-lo. Mas seria ignorar as possibilidades de autonomia relativa, dos espíritos individuais em todas as culturas(...) E, sempre, em todas as partes, o conhecimento transita pelos espíritos individuais, que dispõem da autonomia potencial, a qual pode, em certas condições atualizar-se e tornar-se pensamento pessoal.

E é através dessa nova visão que oriento o meu trabalho e de acordo com esses princípios e visão que irei pesquisar, colher as informações, construir e produzir os conhecimentos desse estudo.

De acordo com Rey (2005), a epistemologia qualitativa está apoiada em três princípios: a) conhecimento como produção construtiva-interpretativa, b) caráter interativo do processo de produção do conhecimento e c) significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento. O conhecimento, de acordo com esse paradigma, não é composto por variáveis isoladas e empíricas, mas sim por um processo onde sentidos são dados aos fenômenos e estes orientam a construção e produção teórica.

As relações entre o pesquisador e o sujeito participante são de fundamental importância para o desenvolvimento do estudo e orientam o percurso percorrido do pesquisador. Além disso, essa comunicação é vista como momentos de produção e construção essenciais do conhecimento. A significação da singularidade é, para o presente autor, a característica mais importante da metodologia qualitativa e é um pressuposto para se orientar e seguir as características anteriores mencionadas.

Para Rey (2005, pág 35) “a singularidade se constitui como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do indivíduo”. Assim, a expressão de um sujeito possui valor especial e único para a produção de idéias do pesquisador. O sujeito, nessa visão, não é visto somente como um número ou opinião, mas como um ser único onde sua história e vivência ganham dimensões e significados relevantes

para o estudo e. Assim a interação é fundamental, já que a compreensão só é possível através da interação/comunicação entre os participantes da pesquisa.

Mas como estudar determinantes qualitativos que na maioria das vezes chegam em nossa consciência de forma obscura, cheia de disfarces e sem compreensão?

Para o autor deste trabalho, a resposta se dá a partir dos estudos de determinantes qualitativos. González (2005, pág 50), em “Pesquisa Qualitativa em Psicologia” nos coloca:

Os estudos dos determinantes qualitativos na psicologia se define pela busca e explicação de processos que não são acessíveis á experiência, os quais existem em inter-relações complexas e dinâmicas que, para serem compreendidas, exigem o seu estudo integral e não sua fragmentação em variáveis. A definição qualitativa tem a ver com a compreensão, com freqüência por via indireta e implícita, dos complexos processos das diferentes expressões humanas e que não são isoformas como estas.

A compreensão desses determinantes se dá através da comunicação e da singularidade do sujeito. Afinal o que é importante para o processo é o sentido que o sonho tem para o sonhador e não o conteúdo latente. A aparição do conteúdo latente é consequência da compreensão do sentido do sonho, dentro da sua perspectiva sócio-histórica-cultural.

Ao colocar o problema como a influência da compreensão do sonho no processo terapêutico, a pesquisa está indo de acordo com o que foi apresentado acima como definição qualitativa, já que os sonhos de acordo com Jung (1973), Freud (1900), dentre outros, possuem inter-relações complexas e dinâmicas com a psique e inconsciente humano e que para compreendermos a via utilizada é indireta e implícita.

Além disso, sonhar não é um comportamento observado onde podemos mensurar e acrescentar variáveis e assim medir sua influência e relação a partir dessa nova situação.

A proposta ao compreender o sonho é verificar e conhecer os complexos, mecanismos, significados dos sonhos e sua importância para o sonhador e seu processo terapêutico.

Para completar os argumentos sobre a escolha do método qualitativo transcrevo a seguinte frase de Jung (1971, pág17) “*compreender é um processo subjetivo*”.

A metodologia qualitativa possui suas particularidades e uma delas será utilizada no presente estudo: a metodologia clínica-qualitativa. De acordo com Turato (2003), a metodologia clínica-qualitativa, como uma particularidade da metodologia qualitativa, é um meio para conhecer e interpretar significações que os próprios indivíduos fazem sobre os seus próprios fenômenos complexos e de foro íntimo. Nessa metodologia valoriza-se a relação face a face, a escuta e a observação corporal.

O sonho se enquadra nessa definição do objeto de estudo da metodologia clínica-qualitativa, assim como a forma de se recolher às informações. Esta face da metodologia qualitativa se orienta por três pilares e/ou atitudes: a) existencialista: traz a valorização das angústias e ansiedades do ser humano e coloca a fala como instrumento valioso para a compreensão do ser, b) clínica: coloca a acolhida dos sofrimentos pessoais como fator fundamental; e c) psicanalítica: coloca o reconhecimento do inconsciente e da sua dinâmica como um diferencial no modo de ver e acolher o sujeito.

Nesse trabalho, a orientação se dará por todas essas atitudes mencionadas, já que o sonho é produzido pelo inconsciente – assim reconhecemos seu valor – e ao acolhermos os sonhos, através da fala, estaremos valorizando não só suas angústias, ansiedades e sofrimentos – atitudes existencialista e clínica – mas também o ser humano por completo e dispostos a perceber o que o inconsciente quer nos falar/monstrar.

Aqui o sentido e as significações dadas aos fenômenos são o cerne da produção do conhecimento. A pesquisa deve ser realizada em um ambiente que seja natural ao sujeito, ou seja, um ambiente que o sujeito conheça e faça parte da sua vida, seja freqüentado por ele.

O pesquisador tem sua subjetividade reconhecida e assim sua influência na pesquisa, já que é através também da sua percepção da comunicação, observação que

os fenômenos são registrados e servem como base da construção e produção teórica. Outra característica referente ao pesquisador é o fato que ele sempre pode construir um novo projeto de pesquisa, uma nova teoria através fragmentos encontrados.

Outro fator importante da metodologia clínica-qualitativa é que o processo, o como é muito mais importante que o produto, o por que. Assim, o caminho que leva ao fenômeno, a fala e aos sentidos são sempre questionados, onde o ato de descobrir e re-descobrir é constante.

Os instrumentos utilizados na pesquisa serão a consulta onde ocorrem conversações, intercalando por indicações terapêuticas e a anamnese.

A consulta é uma assistência profissional e no presente estudo os depoimentos foram recolhidos em sessões de psicoterapia. As consultas realizadas têm como base os sistemas conversacionais. De acordo com González (2005), a conversação é um processo de comunicação, onde pesquisador e o participante da pesquisa estão envolvidos e são ativos no processo. Ao se falar e relatar sobre os sonhos a conversação foi o instrumento utilizado.

A conversação será utilizada para dialogar sobre o sonho, seus sentidos e assim chegar a uma compreensão. As associações livres serão muito utilizadas com o intuito de perceber esses sentidos. Além do mais a conversação será utilizada em todo o processo como um instrumento que se renova a cada momento e orienta o rumo da pesquisa e a forma como os dados serão recolhidos.

A anamnese também é um instrumento utilizado. Turato (2003, pág 308) a define como “um procedimento fundamental da prática clínico-assistencial, com a finalidade de conhecermos o que há de memorizado... acerca das manifestações clínicas e correlatos de certa doença para o profissional chegar a um diagnóstico clínico...”.

A anamnese foi utilizada para recolher a história de vida do participante da pesquisa e assim perceber as suas relações sociais e culturais, seu contexto e perceber essas relações com os sonhos coletados. Afinal, senão compreendermos o contexto do sujeito participante não seria possível compreender o sonho de uma forma única e singular.

O presente trabalho será realizado através de um estudo de caso de um paciente atendido na Clínica de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – Uniceub. O paciente foi atendido por seis meses, tendo passado por 20 sessões.

Os dados foram recolhidos, durante 20 sessões, sendo cada uma com cinquenta minutos de duração, através dos instrumentos citados acima e serão relatados no presente trabalho.

A construção da informação se dará de acordo com o modelo utilizado por Jung (1971) onde o sonhador relata seu sonho e em seguida, através da conversação e associações livres, verifica-se o sentido de cada parte do sonho, através do relato do sonhador, e em seguida o autor irá articular esse sentido relatado com as teorias apresentadas no estudo. É importante ressaltar, que as teorias servem como diretrizes e não como moldes para a compreensão do sonho.

Para a compreensão dos sonhos, o presente autor, irá se utilizar dos elementos das três teorias apresentadas no capítulo metodológico. Da teoria psicanalítica irei utilizar os mecanismos de elaboração do sonho e os disfarces utilizados; da teoria junguiana irei me orientar da postura colocada por Jung (1971) sobre o terapeuta durante a compreensão do sonho e forma de se compreender utilizando-se da conversação e associação livre e levando sempre em consideração a série de sonhos e contexto do sonhador; já as contribuições da teoria da subjetividade serão utilizadas como diretrizes, já que as observações, citadas no capítulo metodológico, tiradas dessa teoria estão de acordo com a visão estabelecida nesse estudo sobre o sonho e seus significados.

Vejo a necessidade de ressaltar que a forma como o sonho é percebido nesse trabalho é fundamental. O sonho não é percebido como algo determinista e instrumento de manipulação, o sonho é visto como único e sagrado, que merece o nosso respeito assim como qualquer produção do ser humano. Todos somos capazes de compreender o sonho, mas aqui a compreensão que é considerada como a mais perto do real significado do sonho é a do próprio sonhador, já que ele vivenciou o sonho.

Assim, o papel do terapeuta, nesse trabalho, é ampliar sua visão sobre o que sentiu do sonho através de questionamento e reflexões. Essa não é a única forma, mas é a que transmite maior segurança para o autor desse trabalho, por isso é a utilizada.

APRESENTAÇÃO DO CASO

José (21 anos), nascido em 14 de agosto de 1986, cursou até a sexta série do ensino fundamental e de religião evangélica, veio a Clínica de Psicologia do Uniceub pela indicação de um amigo, da igreja evangélica, que já havia feito tratamento nessa instituição e o aconselhou a buscar ajuda e a fazer um tratamento na clínica.

José traz como queixa o fato de se sentir refém das drogas e bebidas e com isso perceber que está perdendo tudo que têm valor na sua vida como a família e namorada. Ele afirma que quer parar de usar drogas.

Ele mora com sua mãe e irmão mais nova (7 anos). Seu Pai faleceu de Câncer ano passado e ainda possui um irmão mais velho (23 anos) e uma irmã mais velha (25 anos), ambos casados e moram em suas próprias casas.

José namora sua “princesa” há dois anos e pensa em se casar com ela.

O período que a mãe estava grávida de José ocorreu em um período difícil, pois sua família acabara de se mudar para Brasília e não tinha nenhuma infraestrutura. Sua mãe tinha que continuar com os cuidados dos seus filhos e fazer as tarefas de casa. Assim, sua mãe se sentia muito só, pois a família do seu marido – que os acompanharam - não gostava dela.

José começou a falar normalmente, mas aos três anos de idade parou de pronunciar as palavras durante um ano. Nesse período sua mãe colocara que ele ficou uma criança grossa, pois assim conseguia mostrar o que queria.

Médicos foram consultados sobre essa paralisação na fala e sempre era colocado que não havia fisiológico ou orgânico e que deveria ter ocorrido um trauma que o fizera perder a fala. Porém, depois de um ano, ele volta a falar normalmente.

O primeiro relato da lembrança de sua infância, José conta que está batendo em um menino. Também recorda, que aos cinco anos, apanhou de um garoto menor que ele na rua e quando voltou para casa seu pai o bateu muito – a maior surra que levou – e falou: “Toda vez que você tiver apanhado na rua, vai apanhar em casa”.Após essa situação, o paciente recorda que voltou para rua e bateu muito no menino.

Já na adolescência, José relata: *“Sempre fui muito briguento e grosso. Fui expulso de dois colégios, pois sempre arranjavam confusão comigo, pois era o maior da turma. Meu irmão nunca me defendeu dessas brigas e guardo mágoas disso até hoje”*.

Aos quinze anos viajou com a Família para visitar o tio no Ceará e lá começou a beber. Esse seu tio é muito querido e é alcoólatra e certos dias saíram juntos e José quis acompanhar o ritmo do tio na bebida e a partir desse episódio relata que nunca mais bebeu sem ficar bêbado.

Ao voltarem para Brasília, José saiu de casa e foi morar com outro tio em uma fazenda. Largou a escola e morou por lá dois anos. Seus pais iam até lá para tentar convencê-lo a voltar, mas ele não queria voltar. Lá ele trabalhava e tinha liberdade. Foi nessa fazenda que começou a fumar maconha.

Ao completar dezoito anos, serviu o exército. Gostava muito de lá, mas foi dispensado, pois o seu superior não gostava dele. O episódio que acumulou em sua dispensa foi à briga que teve com outro soldado.

Quando tinha 19 anos, um amigo o chamou para lancha e na volta esse amigo assaltou uma Van. José ficou sem reação e acabou colaborando com o assalto para aquilo terminar logo. Porém, após o assalto, a Van voltou e perseguiram os dois e conseguiram atropelá-lo e o espancaram com um taco de beisebol até ele ficar inconsciente. Depois disso foi para a prisão, mas logo foi solto, após pagar fiança.

Aos 20 anos, teve uma briga marcante: *“Estava voltando de uma festa e vi dois motoqueiros baterem em um mendigo. Lembrei de quando apanhei dos motoristas da Van e me revoltei, e como estava bêbado, fui para cima e bati nesses dois motoqueiros. Depois foi perseguido, mas conseguiu escapar e dormi no meio de um milharal sendo acordado de manhã por uma senhora que pensou que estava morto”*.

O seu relacionamento com a mãe têm muitas brigas, já que José a acha superprotetora e que não entende que certas coisas o homem deve passar.

José, aos 20 anos, começou a usar cocaína cerca de três vezes por semana.

Depois de quatro meses, a namorada de José colocou um limite e falou que se ele não parasse de usar drogas, iria largá-lo. Nesse dia, ele ficou triste e gastou todo seu dinheiro com cocaína. Chegou arrasado em sua casa e decidiu largar as drogas,

pois não queria perder sua família e namorada. Foi a igreja, pediu perdão para todos presentes por desrespeitar a comunidade e se comprometeu a largar o vício.

Os sonhos são recorrentes desde muito novo e na sua grande maioria são pesadelos. José sempre lembra de seus sonhos e iremos descrevê-los mais adiante.

Em novembro de 2004, José perdeu o pai e ele coloca que aceitou bem a morte do Pai. Coloca também que não tinha uma relação boa com seu Pai. Queria “um Pai para abraçar” de acordo com suas palavras.

Começou a namorar sua “princesa” há um ano e tem como objetivo casar com ela. O relacionamento dos dois é tranquilo, ele a ouve muito e pretende mudar para não perder o relacionamento.

Atualmente a rotina dos seus dias da semana é: a manhã na igreja, a tarde fica em casa e a noite vai para a escola. Nos finais de semana vai ao culto e passa o dia com sua namorada.

SONHOS

1º Sessão: *“Estava tendo uma briga de alguém, que não sei quem é, com um negro forte. Eu estava tentando salvar alguém que estava apanhando desse negro. O negro era uma pessoa má e quem estava apanhando era uma boa pessoa. O negro o batia com um martelo. Fui para cima do negão e consegui tira-lo de cima da pessoa e o martelo de sua mão, mas ele me pega de jeito e toma novamente o martelo. Quando ele ia me acertar com o martelo, acordei assustado”*.

Ao questionar o que significava para José essa briga com um negro forte e o que ele sentia com essa cena, recebi a seguinte afirmação: *“Para mim esse negro era safado e folgado como meu pai... queria salvar a pessoa que estava apanhando, pois era alguém querido... não sei quem é, mas era uma mulher”*.

Podemos inferir, de acordo, com o sentido subjetivo relacionado ao seu pai, que o negro forte representava seu pai. Acredito que esse fenômeno é facilmente explicado pelo mecanismo do deslocamento onde deslocamos atributos de outra pessoa para outros elementos e pessoas do sonho, nesse caso deslocou-se atributos do pai para o negro forte do sonho.

Sendo mulher essa pessoa querida, verificamos e confirmamos outro sentido que José carrega na sua história de vida. Observarmos, através da anamnese, que os sentidos que José têm dos homens da sua vida – pai, irmão, amigos - são negativos enquanto que os sentidos que nos relata das mulheres são positivos como observamos ao relatar da sua mãe e namorada. Além, da resposta dada sobre o primeiro momento do sonho, podemos confirmar essa hipótese através desse relato do sonho: *“O negro era uma pessoa má e quem estava apanhando era uma boa pessoa”*.

O significado do martelo para o sonhador foi perguntado e se obteve: *“O martelo para mim lembra... significa força, brutalidade e morte”*. Em seguida, através de associações livres, fomos verificando o que a morte o lembrava e chegamos na seguinte lembrança *“Para mim, a morte era a vida da minha mãe com meu pai, o casamento deles, meu pai a matava lentamente”*.

Em seguida José também trouxe essa reflexão da morte *“A morte está presente na minha vida através do falecimento do meu Pai... Não acho ruim ele ter morrido, acho ruim ele não ter sido um Pai que me levasse para pescar, fosse meu amigo... tenho mágoas dele e a morte foi ruim por agora não poder resolver isso”*.

Minha posição em relação ao que José trouxe é: a morte é um tema presente na vida dele, seja a morte como forma de relação, seja a morte como empecilho de se ter um relacionamento. Já em seu sonho, creio que o martelo significa a morte como uma maneira de se relacionar.

Nesse caso específico, tive a hipótese que a relação é entre seu pai (negão) e mãe (pessoa que estava apanhando) e o martelo o casamento e relação de ambos.

“Fui para cima do negão...” Questionou-se o motivo para José ir para cima do negão e assim: *“Querida salvar a mulher que estava apanhando, evitar que fosse morta”*. Nesse momento, me veio uma sensação de que José tinha a vontade que seus pais se separassem ou de tentar salvar o casamento de seus pais. Essa pergunta foi feita no final da sessão, após análise do sonho e obtive a seguinte resposta: *“Sim, sempre tive essa vontade e desejo, mas nunca tive coragem, nunca tive coragem de falar o que queria para o meu pai, falar como achava ruim o modo que ele maltratava minha mãe”*.

“... consegui tirá-lo de cima da pessoa e o martelo de sua mão, mas ele me pega de jeito e toma novamente o martelo. Quando ele ia me acertar com o martelo, acordei assustado”. Não senti necessidade de perguntar o sentido que José via nessa parte do seu sonho, pois acredito que o relato já fala por si só.

Por fim, questionei o seguinte: *“José, depois dessa nossa conversa, o que você acha que esse sonho significou para você?”*.

A seguinte resposta foi dada: *“Para ser sincero, não compreendi muita coisa não...”*.

Senti nesse momento uma vontade enorme de relatar o que tinha percebido e qual era minha posição sobre a compreensão desse sonho, mas como nos coloca a visão junguiana, o analista não deve querer impor um significado, uma verdade. Além do mais, o sonho começa a ter um significado quando se compreende uma série de sonhos, logo optei por não comentar minha visão sobre o sonho.

Porém, para esse presente estudo, quero ressaltar a compreensão que obtive do sonho: é um relato sobre o casamento dos seus pais e como José se relacionava com o casamento dos pais, a forma que seu pai se relacionava com sua mãe e a forma como José se relacionava com o pai.

Creio que alguns sonhos, como nos dizia a visão psicanalista, têm realmente como função realizar desejos recalcados e, para mim, esse primeiro sonho apresentado teve essa função ao recalcar o desejo que José tinha de enfrentar seu Pai.

5º Sessão: *“Estava preso em um lugar escuro e de repente um homem alto e forte veio me buscar e colocou uma fenda negra nos meus olhos. Me levou para fora da prisão onde várias pessoas, todas negras e com cara fechadas, me esperavam. Esse cara que me buscou na prisão, me colocou na frente de todos e começou a gritar: Preparar, armar e fogo! No momento em que atiraram acordei”*.

“Estava preso em um lugar escuro...” José relata que lugar escuro é para ele sinônimo de tristeza e solidão e ainda acrescentou *“é assim que me sinto ao anoitecer, quando começo a pensar sobre minha vida no meu quarto, fico triste e só”*.

“... de repente um homem alto e forte veio me buscar e colocou uma fenda negra nos meus olhos...”.

Pergunto sobre o homem alto e forte e novamente José relembra o pai dele e assim noto que seu pai está muito presente em sua vida e é um referencial muito grande, seja no aspecto negativo ou positivo. Sobre a fenda nos olhos, ocorreu essa fala do sonhador: *“Quando não posso agir, me sinto como se tivesse uma fenda nos meus olhos, assim não posso ver nada, fazer nada e agir”*.

Pela segunda vez, José traz a presença do seu pai nos seus sonhos e novamente ele exerce a mesma função: não deixar José agir. Isso nos remete novamente a questão do sentido que José demonstra do seu pai e como ele generalizou esse sentido para todos os homens da sua história.

“... Me levou para fora da prisão onde várias pessoas, todas negras e com cara fechadas, me esperavam”.

Fico intrigado sobre a presença de pessoas negras novamente no sonho relatados e assim questionei: “Qual o significado de pessoas negras para você?” A seguinte resposta foi dada: *“Poxa rapaz! Posso ser sincero... não sou preconceituoso não, mas pessoas negras para mim parecem pessoas más, safadas e sem caráter, fazem o que querem e não se preocupam com os outros. Mas eu sei que nem todas são assim, viu?”*.

Questionei se José conseguia se lembrar de alguma pessoa negra, da sua vida, que se encaixava na descrição apresentada e curiosamente ele me respondeu que não depois de muito refletir. Nesse momento, tinha a hipótese, que não foi confirmada que novamente ocorria o fenômeno do deslocamento para seu pai.

Em seguida, perguntei como ele se sentiu ao perceber que aquelas pessoas estavam lhe esperando. *“Me senti como se tivesse feito algo errado e fosse ser punido por isso, geralmente os homens me olham quando faço algo errado”*.

Essa fala me trouxe novamente a atenção ao relacionamento de José com os homens e como percebermos o sentido que é dado ao dar atenção.

“... Esse cara que me buscou na prisão, me colocou na frente de todos e começou a gritar: Preparar, armar e fogo! No momento em que atiraram acordei”.

Quando entrei nos questionamentos dessa parte do sonho, José começou a chorar muito e achei melhor interromper a compreensão do sonho nesse momento.

Nesse momento José ficou muito sem graça de chorar na minha frente, afinal sou um homem e como ele afirmou nunca tinha chorado na frente de um homem.

Até o presente momento tenho a compreensão que a questão principal do José e a relação com os homens e como ele sente falta desse contato mais perto, de igual para igual, seja para o carinho como para o confronto.

7º Sessão: *“Tinha um cachorro preto matando um cachorro que gosto muito, fiquei desesperado e vi que existia um cachorro grande atrás da casa que poderia salvá-lo. Esse cachorro estava preso e só eu tinha a chave para soltá-lo”*.

José chegou, nessa sessão, muito abatido e me colocou que tinha tido um sonho que o incomodou muito e logo quis me contar o relato do que sonhou. Terminei de ouvir o relato e o perguntei “Por que esse sonho lhe deixou abatido?”.

A seguinte afirmação foi dada: *“Porque sou eu podia salvar o cachorro e eu não sei se ia conseguir e fiquei pensando se tenho capacidade de salvar outra pessoa ou a mim mesmo. Doutor, eu irei conseguir mudar meus comportamentos? Eu não quero ser como meu pai e quero mudar, não quero ser igual ele, não quero que isso me domine, quero mudar”*.

Através dessa fala, não tive muito que falar, pois como nos diz a Teoria da Subjetividade não tem melhor pessoa para nos falar do significado do seu sonho do que o próprio sonhador e aqui José já colocou todo o sentido no sonho.

Sendo assim, o que eu fiz foi reafirmar o significado que José trouxe ao sonho e coloquei a minha ligação que tinha percebido com os outros sonhos. Coloquei para José que o seu pai tinha uma importância muito grande e que o sentido dado a essa relação é levada a outras relações que José tem com os homens e que assim essa forma de se relacionar atualmente é vivida com muito sacrifício e que deve ser trabalhada para adquirir um novo sentido.

Muito cuidado foi tomado para a compreensão não ferir as verdades de José, seus valores e princípios, como nos coloca Jung. Acredito que esse momento foi fundamental para a terapia e poderia tê-lo assustado e assim o afastado da terapia.

Nesse momento, José e eu reafirmamos nosso pacto terapêutico e direcionamos os nossos objetivos terapêuticos para a sua relação com o seu pai e os outros homens, como seu irmão e tios, na sua vida.

No decorrer das sessões terapêuticas, foi trabalhada a relação de José com seu pai através de conversas sobre seu relacionamento e algumas técnicas.

Esperei ansiosamente para o surgimento de um sonho onde trouxesse novamente a questão dele com o Pai e assim verifica-se se havia alguma mudança. Infelizmente esse sonho não veio e assim não pude demonstrar totalmente a importância do sonho e sim ressaltar o sonho como um importante elemento para diagnosticar e traçar estratégias para o processo, o sonho é um canalizador, pois provavelmente, só iria perceber a importância e a profundidade dessa relação com o Pai na 20ª sessão.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao analisarmos os sonhos trazidos percebemos, através do presente estudo, que o sonho tem uma grande importância para o processo terapêutico, inclusive, para redirecionar os objetivos do processo terapêutico e perceber qual a temática deve ser trabalhado e caminhos a serem seguidos.

Percebemos através dos sonhos relatados que as três teorias apresentadas são de fundamentais importâncias para se trabalhar com sonhos e juntas conseguem colaborar na montagem de um quebra-cabeça, que é a compreensão do sonho, que está longe de ser finalizado.

Acredito que a Teoria da Subjetividade nos traz uma nova forma de olhar não só a compreensão dos sonhos, mas como todos os processos psíquicos do ser humano. Essa teoria coloca luz sobre uma questão importante, que é o fato do sentido do sonho ser algo individual, intransferível e que vai se transformando no decorrer da vida. A compreensão do sonho não possui uma tabela pronta que podemos preencher com o relato dos sonhos e saímos com seus significados e muito menos possuem fórmulas prontas.

Já a Teoria Freudiana nos traz informações importantes ao transmitir os mecanismos dos processos de elaboração dos sonhos assim como na elaboração de questionamentos para o paciente refletir sobre os sentidos trazidos da consciência. Esses questionamentos só são possíveis de serem feitos por existir noções - o autor acredita em um número maior - de determinados processos de disfarces dos sonhos e assim podemos elaborar sentenças onde o próprio sonhador pode refletir sobre a existência ou não desses disfarces e assim dar um grande passo para a compreensão do seu sonho.

E no fim, a análise Junguiana nos traz a enorme contribuição sobre o processo da compreensão dos sonhos. Em primeiro lugar, nos traz importância de não nos prendermos a nenhuma teoria e sim nos prendermos ao dialogo e comunicação com o sonhador, pois é a teoria que devemos nos prender é o sentido dado pelo sonhador e o contexto de sua vida. Esta teoria nos traz a atenção também sobre a importância de se levar em consideração a seqüência dos sonhos ao tentarmos compreender e que dessa

maneira o sonho nos dará mais dicas e poderemos verificar a veracidade e lógica dessa compreensão.

Quero ressaltar, que estas três teorias não são as únicas que falar de sonhos ou as únicas que devemos conhecer e que são importantes para se trabalhar com o mundo onírico. Entretanto trazem informações e considerações essenciais para esse trabalho, principalmente, na forma de agir e enxergar um sonho.

Os sonhos e seus mecanismos nunca serão totalmente compreendidos por uma teoria, pois é um fenômeno complexo assim como o ser humano. Logo, as junções entre as partes e as visões são fundamentais para se ter um estudo coerente.

Percebemos que todos os sonhos trazidos tinham elementos comuns como a cor negra, essa cor para José tinha características que lembrava seu pai. Além da cor presente, os sonhos também traziam características de elementos/pessoas que se remetiam ao pai de José. Assim, pudemos perceber que o pai está muito presente na vida de José e que essa presença influencia sua vida e traz sofrimento.

Isto ficou muito claro desde o primeiro sonho quando José se sentiu incapaz de enfrentar seu pai e proteger sua mãe como no último sonho onde ele se viu repetindo os comportamentos do seu pai. Tendo esses conhecimentos sobre seus os sonhos e sentido pude traçar uma estratégia e formas para investigar o relacionamento de José com o pai, o sentido dado e como colaborar para a mudança.

Através de todas essas informações conseguimos traçar estratégias e no fim de 20 sessões José colocou: *“Não percebia que o relacionamento com meu pai mexia tanto comigo, afinal quando ele morreu não chorei e sempre tive raiva dele, vim para ver o meu relacionamento com o minha namorada”*.

Sendo assim, termino esse estudo com a conclusão que a compreensão do sonho é uma importante ferramenta para o trabalho terapêutico e que pode ser utilizado para fornecer dicas sobre o estado atual do cliente e os diversos sentidos existentes na sua vida.

O sonho é um catalisador e deve ser sempre visto de uma forma complexa e com muito respeito. O sonho não é simples e tem o seu significado. O sonho é uma produção do sujeito e traz elementos preciosos que nos relatam sobre a história do sonhador, sua beleza, tristezas, sofrimentos e riquezas.

É importante sempre pedirmos para o sonhador prestar atenção nos significados dos sonhos para ele, de cada imagem presente, o objetivo presente no sonho e o sentido para ele.

Assim, a compreensão do sonho se dará não só no setting terapêutico e o sonhador começará a se auto-analisar e caminhar sozinho, o objetivo principal da terapia, como ocorreu com José trazer seu ultimo já compreendido.

CONCLUSÃO

Chego à conclusão que o Sonho deve ser encarado como uma ferramenta importante para o processo terapêutico e como tal deve ser estudo de forma científica e seus estudos devem ser sistematizados para delinear suas contribuições e limites.

O Sonho, compreendido, em conjunto com o paciente poderá ser um importante aliado e catalisador para o processo terapêutico. O sonho é uma produção do sujeito e traz elementos preciosos que nos relatam sobre a história do sonhador, sua beleza, tristezas, sofrimentos e riquezas. Logo deve ser respeita e valorizada.

A compreensão pode ser feita de inúmeras maneiras e estas devem ser estudadas com maior profundidade. A compreensão através da fala, aqui utilizada, é a forma mais “simples” e “segura” para o autor desse trabalho e por isso foram utilizadas, já que o terapeuta deve sempre se sentir à vontade com o que está realizando. Entretanto, acredito que métodos onde o sonhador revive o sonho e a partir dali traz seus sentidos, são altamente eficazes e devem ser estudados.

Porém, se a compreensão do sonho for utilizada de forma irresponsável, e sem levar em consideração o contexto, cultura e as observações aqui levantadas sobre a individualidade de cada sonho, os danos causados podem ser enormes para o cliente.

Neste caso, José se aliou com seus sonhos. Acredito que muitas pessoas que procuram a psicoterapia podem formar essa aliança e se beneficiar, mas para isso é preciso que o sonho seja reconhecido e se torne fonte de pesquisa e estudo.

Espero que esse trabalho contribua para a valorização da compreensão do sonho, que ele seja trabalhado de uma forma respeitosa, e, principalmente, que seja usada de forma responsável onde o sonhador deve sempre ser levado em consideração e a sua compreensão valorizada e aceita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brenner, Charles, Noções Básicas de Psicanálise: introdução à Psicologia Psicanalítica, 1973, Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro – RJ.

Franz, Marie Louise Von, O Caminho dos Sonhos, 1993, Editora Cultrix, São Paulo –SP.

Freud, Sigmund, A interpretação dos sonhos, 1900, Edição Comemorativa, Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro –RJ.

Grinberg, Luiz Paulo, Jung: O Homem Criativo, 2003, FTD, São Paulo-SP.

González, Fernando R., Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação, 2005, Pioneira Thomson Learning, São Paulo –SP.

González, Fernando R., Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios, 2005, Pioneira Thomson Learning, São Paulo –SP.

González, Fernando R., Sujeito e Subjetividade, 2001, Pioneira Thomson Learning, São Paulo –SP.

Hall, James A., A experiência Junguiana, 1992, Editora Cultrix, São Paulo-SP.

Hall, James A , Jung e a Interpretação dos Sonhos, 1990, Editora Cultrix.

Jung, Carl Gustav, Vol 1, Estudos Psiquiátricos, Vozes, 1994, Rio de Janeiro-RJ

Jung, Carl Gustav, Vol II, Estudos Experimentais, Vozes, 1997, Rio de Janeiro-RJ

Jung, Carl Gustav, Vol VII, Estudos sobre Psicologia Análítica, Vozes, 1981, Rio de Janeiro-RJ

Jung, Carl Gustav, Vol II, Ab-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência, Vozes, 1973, Rio de Janeiro-RJ

Parker, Julia e Derek, O livro dos Sonhos, 1997, Publifolha, São Paulo-SP.

Silveira, Nilse da, Jung: Vida e Obra, 1994, Editora Paz e Terra, São Paulo-SP.

Tallaferro, Alberto, Curso Básico de Psicanálise, 1996, Martins Fontes, São Paulo- SP.

Turato, Egberto Ribeiro, Tratado da metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas, 2003, Vozes, Rio de Janeiro – RJ.